

Sexualidade Humana: o despedir-se de uma visão puramente mentalista através do novo paradigma da corporeidade viva 4

Maria Cicera dos Santos de Albuquerque*

“Nada está separado de nada, e o que não compreenderes em teu próprio corpo, não compreenderás em nenhuma outra parte”.

Carlos Drumond de Andrade

O ser humano sempre teve dificuldade em ver claramente e sem preconceitos seu próprio corpo. De maneira geral, sempre houve uma tendência em explicar o corpo não como uma unidade integral mas como composto de duas partes diferentes: uma parte física (material) e uma alma (espiritual e consciente). Essa visão dualística do corpo, assume uma dupla separando a mente do corpo.

Essa dicotomia aparece desde a filosofia Grega, no pensamento de Platão (século V a.C.) até os nossos dias. Alguns estudiosos da corporeidade viva tentam a superação dessa dicotomia ao afirmarem que o corpo é o primeiro momento da experiência humana. Keleman enfatiza “*não habito o meu corpo, eu sou o meu corpo*”¹.

* Mestre em Educação. Docente da Univ. Federal de Alagoas, Dep. Enfermagem.
Recebido em 17.02.95 Aprovado em 25.02.95

1. Ver Keleman. S. (1994). Realidade somática. São Paulo. Summus.

O sujeito, antes de ser um “ser que conhece”, é um “ser que vive e sente”, que é a maneira de participar, pelo corpo, do conjunto da realidade. Pelo corpo, me engajo diante do real de inúmeras maneiras possíveis: por meio do trabalho, da arte, do amor, do sexo, da ação em geral.’

Sempre houve uma tendência em considerar o sexo separado da totalidade da existência, no entanto, a sexualidade é parte integrante do nosso ser total. Ela não é apenas expressão do corpo biológico, não é apenas resultado do funcionamento glandular. ela deve ser vista como a expressão do ser que deseja, que escolhe, que ama, que se comunica com o mundo e com o outro. *Ela é uma “linguagem”* que será tanto mais humana quanto mais pessoal for.

Ao longo da história humana o corpo assume sucessivas e diversas formas influenciado pelas culturas, as ideologias e as organizações. Mas, raramente, descobrimos corpos vistos como sujeitos históricos que realmente, sofrem, gozam, vivem e morrem. As imagens corporais sequestraram a substância dos corpos reais³.

Precisamos nos despedir do dualismo: mente suposta dona do corpo. É bem verdade que os cientistas convergem numa visão nova do corpo. Mas sabemos o que significa despedir-se dos dualismos?⁴

Em seu livro a nova terapia do sexo, Kaplan dedica o segundo capítulo ao tema cérebro e sexo, nesta abordagem persiste o mentalismo na sexualidade: ela refere-se ao sistema nervoso como uma unidade básica, com células altamente especializada com numerosos terminais adaptado para prover as intrincadas conexões anatômicas, possibilitando as complexas relações funcionais. Os neurônios geram recebem e transmitem impulsos a outros neurônios através de conexões e sinapses, por meio de microtransmissão de substâncias neurotransmissoras⁵. O conceito de íntima associação neural ao prazer tem recebido apoio de diversos estudiosos do tema, que ainda insistem em uma visão mentalista da resposta sexual da seguinte forma:

“O controle neural do funcionamento sexual é organizado de tal maneira que a resposta sexual está recíproca e intrinsecamente influenciada por todos os níveis do cérebro. Os órgãos genitais e os centros cerebrais do sexo enviam e recebem impulsos, virtualmente, de todos os centros e circuitos neurais. Esta é a base neuroanatômica para a profunda influência que a sexualidade e a necessidade da conservação da espécie exercem sobre todos os aspectos do comporta-

-
2. ARANHA. M. L. de A. a MARTINS. M. H. P. (1986). *Filosofando: introdução a filosofia*, São Paulo. Ed. Moderna
 3. ASSMAN. H. (1994): *Paradigmas educacionais e corporeidade*, Piracicaba. UNIMEP p. 75.
 4. ASSMAN. H.: *Op. cit.*, p 71,
 5. KAPLAN. H. S. (1974): *A nova terapia do sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

mento. Inversamente, é também verdade que a resposta sexual está sujeita a influências de inúmeras fontes: lembranças, experiências, emoções, pensamentos e associações. As influências são capazes de inibir ou reforçar. Por isto, os reflexos sexuais podem, prontamente, ser prejudicador por múltiplas influências inibitórias potenciais, como medo ou ódio; ao contrario, a responsividade sexual pode ser aumentada por outras forças psíquicas, tais como amor e a fantasia”.⁶

A organização funcional do sistema nervoso não se restringe a sua organização neural, deve-se abandonar as concepções a respeito do cérebro do homem como apenas constituído “por milhares de milhões de neurônio ligados entre si por uma imensa rede de cabos e conexões, de que nos seus filamentos circulam impulsos eléctricos ou químicos inteiramente explicáveis em termos moleculares ou físico-químicos e de que qualquer comportamento se explica pela mobilização interna de um conjunto topologicamente definido de células nervosas”.⁷

No cérebro há processos de carácter privado que não se manifestam necessariamente por uma conduta aberta para o mundo exterior como sensações ou percepções, a elaboração de imagens ou de conceitos, o encadeamento de objetos mentais em pensamentos”⁸

Os que defendem o neurológico insistem em invocar os estados mentais independentes dos estados fisiológicos do sistema nervoso.

A sexualidade humana está estritamente relacionada ao corpo e, no entanto, é lastimável, a persistência da dicotomia homem-cérebro na resposta sexual, a corporeidade não é vista como centro desse critério. Tudo que nos acontece, acontece-nos corporalmente, corpo-alma pertencem à mesma realidade biológica. A relação do homem com a sua sexualidade pede uma nova leitura.

No entanto, temos a influência dos aspectos cultural, ideológico, econômico, organizacional que busca construir um corpo sexual “adequado” de diversas formas:

a) Corpo Sexual Biológico através do⁹:

- Sexo Genético - significa que o sexo está presente nas células do corpo através dos cromossomos sexuais XX e XY;

- Sexo Gonádico - neste contexto as gônadas são as glândulas sexuais. Homem - testículos, Mulher - ovário;

6. KAPLAN, H. S.: OP. cit., p 59.

7. CHANGEUX, J. P. (1991) O homem neuronal. Lisboa. Dom Quixote.

8. CHANGEUX, J. P.: Op, cit. p. 274.

9. VASCONCELOS, N. de (1985): Amor sexo na adolescência. 11ª ed.. São Paulo. Moderna.

- Sexo Genital -reducionismo da sexualidade através da hipergenitalização. Mulher - vulva, Homem - pênis:

- Sexo Hormonal responsabilizado pelo desenvolvimento das gônadas, desejo sexual masculino e feminino. Homem - testosterona, mulher - estrógeno.

- Sexo Morfológico - Ligado a forma (no sentido de enformar) do corpo como masculino e feminino. Culto ao corpo, Homem - musculoso, ombros largos..., mulher - seios rígidos, cadeiras largas, pernas torneadas...

b) Corpo Sexual como Mulher:

- Sedutor com o fascínio do corpo bonito, comprado pelo proprietário “companheiro”, depreciado, ignorado, fértil obrigatoriamente, irracional, leviano, objeto sexual, passivo, fraco, sublimado, belo obrigatoriamente, culpado, vulgar.

c) Corpo Sexual como Homem:

- Personifica os valores da sabedoria e da ordem, dignidade moral, poder, sucesso, proprietário, reduzido ao valor do pênis.

d) Corpo Sexual como Pecado:

- Dualismo entre corpo e espírito, espírito bom e corpo lado mal (pecado, carne) que corrompe o ser humano, sensual.

e) Corpo Sexual como mercadoria:

- Comercialização do sexo através da indústria pornográfica, sexualização do comércio para aumentar o consumo com manipulação do desejo sexual (usa-se o corpo para vender).

f) Corpo Sexual como Corpo:

- O nosso eu é primeiramente biológico, nos coloca em condições de existir e de participar de tudo, cada corpo tem uma conformidade diferente sendo único, considerar que sexualmente o corpo apresenta uma gama de sensibilidade (não genitalizá-lo) e que a resposta sexual pertence a cada corpo individualmente.

O corpo é descrito em termos ligados à velha física com objeto, robô com espírito, como já foi dito dualismo mente/corpo, como acidente mecanicista. Mas o ser humano não é máquina com uma mente ou um espírito. É um complexo processo biológico que possui muitas instâncias de via de experiência.¹⁰

No entanto, quando nos concebemos como processo vivo, podemos falar sobre os aspectos que percebemos como parte do nosso funcionamento

10. KELEMAN, S.: Op. cit., p. 21 .

vivo: pensamento, sentimento, cestos, satisfação, sexualidade, dependência, individualidade, senso de comunidade, amor e visão interior¹¹.

Temos a capacidade de formar muitos corpos, eus, personalidades e de ter muitas vidas no curso de nossa vida, mas a maioria de nós foi educado a se reconhecer por uma imagem ou papel estático e dizemos esse sou eu; esse corpo me representa e não, eu sou o meu corpo.

O corpo é caracterizado pelo fluxo de metabolismo dos tecidos que continuamente se forma e reforma como nossos corpo, é o que Keleman identifica como excitação.

A excitação é a base da experiência. O corpo é basicamente excitação biológica, que se manifesta como impulsos a desejos, gerando novas formas e movimentos em direção à satisfação.¹²

No caso do amor, necessitamos encará-lo como um processo biológico:

Freqüentemente se fala de amor como um ideal, um estado, mas raramente como um processo biológico que passa por mudanças e transformações. Quanto mais profundamente vivemos a vida de nossos corpos, mais profundo é o jorro do amor... É o reconhecimento do outro como parte do processo vital. O que chamamos amor é o processo de como nos relacionamentos nosso ser biológico e social, como modulamos nossas respostas e estabelecemos conexões que nos dão continuidade, satisfação¹³...

Conseqüentemente, quando amamos ou estamos apaixonados, compartilhamos nossa abundância bioquímica, nosso desejo, sentimento a nossa reação corporal que pode manifestar-se com uma série de respostas auto-organizativas do vivo, poderá ser percebidas pelos sentidos (lubrificação dos genitais, respirar cada vez mais forte, tensão muscular, espasmos, clímax ...) ou pela mobilização interna do conjunto de células corporais.

A guisa de conclusão necessitamos emergir no novo paradigma da corporeidade viva que concebe o ser humano, não como uma entidade cristalizada, estática, que vive dualisticamente, mas como um processo biológico que pensa, sente, tem necessidade, é capaz de respostas altamente especializadas, sonhar, agir, explodir no orgasmo...

“... somos uma cadeia de eventos, todo um sistema ecológico com muitos ambientes vitais, desde lacunas pulsantes e arcaicos oceanos

11. Op. cit., p. 21.

12. Ibid., p. 27.

13. Ibid., p. 82.

bioquímicos até altamente complexos sistemas de ação do cérebro-órgãos. Estamos continuamente em movimento, continuamente em formação, reorganizando a nós mesmos e aquilo que nos cerca¹⁴...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARANHA, M. L. de A. e MARTINS, M. H. P.: *Filosofando: introdução e filosofia*, São Paulo, Moderna, 1986, p. 443.
2. ASSMAN, H.: *Paradigmas educacionais e corporeidade*. São Paulo, UNIMEP, 1994, p. 123.
3. CHANGEUX, J. P.: *O homem neuronal*, Trad. Artur Jorge Pires Monteiro, 2ª ed., Lisboa, Dom Quixote, 1991, p. 309.
4. HIGHWATER, J.: *Mito e sexualidade*, Trad. João Alves dos Santos. São Paulo, Saraiva, 1992, p. 200.
5. KAPLAN, H. S.: *A nova terapia do sexo*, Trad. Oswaldo Barreto e Silva, 6ª ed., Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1974, p. 494.
6. KELEMAN, S.: *Realidade somática*, Trad. Myrtes Suplicy Vieira. Regina Frave, Rogério Sawaya, São Paulo. Summus, 1994, p. 95.

14. Ibid. p. 94.